



Antonio Penteado Mendonça*

PA3
GAZETA MERCANTIL

06 JUN 2007

Será que o Brasil tem mesmo sorte?

O País pega carona numa ótima fase internacional, mas não aproveita a onda

Dizem que a sorte faz parte do jogo. É verdade. Ter sorte e tomar caldo de galinha nunca fez mal a ninguém. Estar no lugar certo, na hora certa, é tão fundamental quanto não estar no lugar errado, na hora errada. Um minuto antes é cedo, um minuto depois é tarde. Assim as grandes batalhas são perdidas, ou ganhas, desde a mais remota antigüidade. Tirar a sorte grande vai além de ganhar na loteria. Pode, como acontece hoje no Brasil, ser um momento extraordinário que faz a economia internacional florescer e todo mundo achar, por conta dela, que é porque o governo brasileiro está fazendo o que tem que ser feito. Só que não está.

Mas para que pessimismo? Não seria o caso de deixar para amanhã o dia de amanhã? Quantas vezes ao longo de sua história recente o Brasil deu provas de sua extraordinária capacidade de recuperação e de sair das maiores encalacradas, quando ninguém imaginava isso possível?

É verdade. A capacidade de recuperação nacional é incontestável e trai os estudos mais sérios a respeito de nossa situação num determinado momento histórico. Surge um boato, uma conversa aqui, uma promessa ali e, do dia para a noite, o clima da nação muda e com ele muda tudo, da economia ao otimismo sobre as chances do time de futebol. O que estava parado começa a andar, a produção aumenta, os empresários investem, surgem novos postos de trabalho, uma parte da economia informal mostra a cara e a crise sem tamanho em que o País estava metido se evapora, quase como se nunca houvesse existido.

Até agora tem sido assim. E qualquer brasileiro com mais de 25 anos se lembra dos pla-



nos mirabolantes que foram sucessivamente baixados para salvar a pátria e que, mesmo não tendo a menor chance de dar certo, animavam o povo, ao ponto de ter gente prendendo comerciante em nome do presidente da República.

O custo desta conta ainda não está completamente zerado. Mas com certeza ultrapassa a casa de algumas dezenas de bilhões de dólares. O triste é que, à época, como seus efeitos duravam muito pouco, logo depois estavam esquecidos, substituídos por uma sandice maior ainda, que só fazia a vida nacional se complicar mais, afundando a sociedade brasileira na sua pior crise, sempre em nome do bom interesse político.

O mais fascinante desta história é que os pais do Plano Real, responsáveis diretos pela estabilidade da moeda e pela extraordinária guinada do Brasil, não perceberam os custos do uso demagógico de um plano bem-sucedido e acabaram praticamente esquecidos, para não dizer rejeitados, pelo eleitor, em favor de um outro presidente, que, sem ter qualquer bagagem intelectual mais sofis-

ticada, tem uma enorme noção de timing e uma longa prática de política sindical, e as usa com sucesso em benefício próprio, normalmente pegando carona no que os outros fizeram.

O problema é justamente este: o Brasil está pegando carona num momento internacional altamente positivo, só que sem ter feito nada em favor dele. Ou pior ainda, sem ter feito nada para aproveitar a onda e tirar o máximo de vantagem para a nação.

Nossos indicadores econômicos são bons. Já somos "grau de investimento" para operações em real e falta pouco para nos consolidarmos em dólares também. O dólar segue sua trajetória de queda, o que nos faz mais ricos em moeda norte-americana, mas não nos deixa mais confortáveis porque o real caro dificulta nossas exportações. No campo político, Portugal acaba de assumir a presidência rotativa da União Européia e eleger entre seus objetivos a inserção do Brasil no quadro de parceiros preferenciais do bloco. Por outro lado, a imagem do presidente Lula é vista internacionalmente de forma positiva, como

o líder moderado que vai seguindo a ameaça de radicalização da América do Sul. Sob estes aspectos, estamos bem na foto.

O duro é o outro lado, onde as coisas não acontecem no ritmo dos discursos e onde o aparelhamento e a troca de cargos no governo por apoio político começam a ameaçar o desempenho da nação.

É surreal, mas o governo não sabe gastar dinheiro, tanto que apenas uma pequena parte do que já está liberado saiu de seus cofres. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) é menos que plano, e metade de seus números depende da Petrobras. A infra-estrutura, em quase todas as áreas, é insuficiente ou está deteriorada. Não há planejamento consistente e menos ainda comprometimento com o que existe. Vale dizer, qualquer ação só será realidade depois de um certo tempo. Num quadro destes, crescer 5% ao ano é possível, mas o tombo depois é quase certo.

* Sócio de Penteado, Mendonça e membro da Academia Paulista de Letras. Próximo artigo do autor em 20 de junho